

Jacques Lacan

Seminário 25 - o momento de concluir

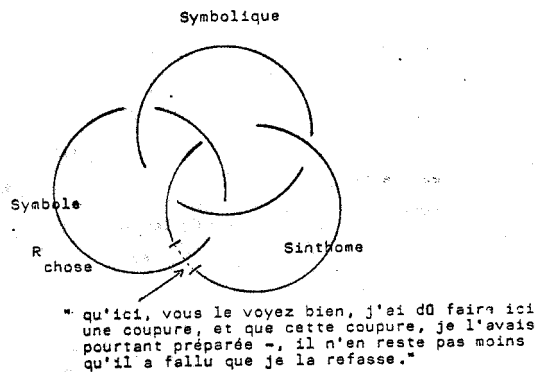
4 - aula de 10 de janeiro de 1978 - ler, escrever e contar

Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase em 03/04/00

Estou um pouco cansado porque sábado e domingo houve um congresso de minha Escola. Como Simatos preferia que só houvessem os membros desta Escola, fomos um pouco longe, e só retornei com dificuldade. Visto que o assunto não era outro senão o que chamo de "passe", alguém esperava algumas luzes sobre o fim da análise.

É possível definir o fim da análise. O fim da análise é quando se deu duas voltas, isto é, quando se achou aquilo de que se está prisioneiro. Recomeçar duas vezes a volta em círculo, certamente não é necessário, basta que se veja de que se está cativo, e o inconsciente é isso. É a face de real - talvez se tenha uma idéia do que chamo o real depois de ter-me escutado inúmeras vezes - à qual se está peado.

Soury prestou atenção ao que enunciei acerca das rodinhas de cordão e me interrogou [fig.1] o que significa ter podido escrever assim as rodinhas de cordão, pois é assim que ele as escreve.



[fig.1]

A análise não consiste em ser liberado de seus sintomas [*sinthomes*], pois é assim que escrevo sintoma [*symptôme*]. A análise consiste em que se saiba porque se está peado a ele. Isso se produz pelo fato de que há o simbólico. O simbólico é a linguagem. Aprendemos a falar e isso deixa traços. Porque isso deixa traços, isso tem conseqüências, que não é outra senão o sintoma [*sinthome*], e a análise consiste - às vezes há um progresso, na análise - em se dar conta de porque se tem esses sintomas [*sinthomes*]. De modo que a análise é ligada ao saber. Isso é muito suspeito e se presta a toda sorte de sugestões, que é exatamente a palavra que se deve evitar. O inconsciente é isso, é que se aprende a falar, e que por isso se é deixado sugerir, pela linguagem, toda espécie de coisas.

O que tento é elucidar alguma coisa sobre o que é verdadeiramente uma análise; isso não se pode saber senão quando se pergunta. De que maneira eu concebo uma análise? Foi por isso que tracei uma vez por todas estas rodinhas de cordão que, é claro, erro sem cessar, sua figuração, quer dizer, que aqui, se vê bem, que eu devia fazer um corte, e que este corte, já o tinha preparado, e agora só me resta refazê-lo.

Contar é difícil. Vou dizer por que: é que é impossível contar sem duas espécies de algarismos. Tudo parte do zero,

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
0	01	02	03	04	05	06	07	08	09

e todo mundo sabe que ele é capital. O resultado é que aqui está o 1. Começa-se no 1, e pode-se notar que o 1 que está aqui se distingue do 1 que está ali. E, é claro, que não é a mesma espécie de algarismo que funciona para marcar o 1 que permite 10.

A matemática faz referência ao escrito como tal, e o pensamento matemático é o fato de que se pode representar um escrito. Qual é o laço ou lugar da representação do escrito?

Temos a sugestão de que o real não pára de se escrever dado que pela escritura se produz o forçamento. O real, assim mesmo, se escreve, senão, como ele apareceria? É por isso que o real está aí [fig.1]. Ele está aí devido ao meu modo de escrevê-lo.

A escrita é um artifício. O real só aparece por meio de um artifício, ligado ao fato de que há fala e mesmo dizer, e o dizer concerne ao que se chama a verdade. É por isso que digo que a verdade não se pode dizê-la.

Nessa história do passe, sou conduzido, pois o passe fui eu quem o produziu em minha Escola, na esperança de saber o que podia surgir no que se chama o espírito de um analisando para se constituir, quer dizer, receber pessoas que venham lhe demandar uma análise. Isto poderia talvez se fazer por escrito; sugeri isso a alguém que aliás estava mais que de acordo. "Passar pelo escrito" tem uma chance de estar um pouco mais perto do que se pode atingir do real, do que se faz atualmente. Por isso tentei sugerir a minha Escola que passadores pudessem ser nomeados por alguns. O problema é que esses escritos não serão lidos, pelo fato de que não se lê muito; contudo há alguma chance que se leia. Então, deitado sobre o papel, mas o papel é também papel higiênico - os chineses perceberam isso, que há o papel chamado higiênico, o papel com o qual se limpa o cu.

Portanto é impossível saber quem lê. Há seguramente escrita no inconsciente. Não é por isso que o sonho, princípio do inconsciente - é o que diz Freud - o lapso e inclusive o chiste se definem pelo legível? Um sonho se faz não se sabe por quê, e depois, só depois, se lê; um lapso igualmente, e tudo o que Freud diz do chiste é notório como estando ligado a esta economia que é a escrita, economia em relação à fala. O legível, é nisto que consiste o saber. E, em suma, é pouco.

O que disse da transferência e que timidamente introduzi como sendo um sujeito - um sujeito é sempre suposto, não há sujeito, é obvio - só há o suposto saber, o que é que pode bem querer dizer o suposto saber ler de outro modo? O outro modo em questão é aquele que escrevo da seguinte maneira: [S(A)]. Que quer dizer, de outro modo? Trata-se do [A] maiúscula, ou seja, do grande Outro. Será que, de outro modo, quer dizer de outro modo que essa tagarelice que se chama psicologia? Não. De outro modo designa uma falta. É de outro modo de faltar que se trata. De outro modo, no caso, será que quer dizer, de modo que não importa quem? É exatamente nisto que a elucubração de Freud é verdadeiramente problemática. Traçar vias, deixar traços do que se formula, é isso o que é ensinável, e ensinar não é também muito diferente de dar voltas.

Enunciou-se assim, não se sabe bem por que, houve Cantor que fez a teoria dos conjuntos. Ele distinguiu dois tipos de conjuntos, o conjunto que é contável e, ele o destaca no interior da escrita, ou seja, que é no interior da escrita que ele faz equivar a série dos números inteiros, por exemplo, com a série dos números pares. Um conjunto só é contável a partir do momento em que se demonstra que ele é biunívoco. Porém, justamente, na análise é o equívoco que domina, quer dizer, é a partir do momento em que há confusão entre esse real que somos levados a chamar de uma coisa, há uma equívoco entre esse real e a linguagem, porque a linguagem, é claro, é imperfeita, é exatamente isso o que se demonstra de tudo o que se diz de mais seguro.

A linguagem é imperfeita. Paul Henry que publicou isso em Klincksieck, ele chama assim, a linguagem é uma má ferramenta, e é exatamente por isso que não temos nenhuma idéia do real.

Gostaria de concluir por aqui. O inconsciente é o que eu disse, isso não impede de contar, de contar de dois modos que não são senão modos de escrever. O que há de mais real é o escrito, e o escrito é confusional.